

O processo grupal como agente de mudança em mães adotivas

INTRODUÇÃO

Atualmente, o processo de acompanhamento em grupo torna-se bastante eficaz em qualquer área de intervenção psicológica. (ZIMERMAN, 1997). De acordo com Osório (2003), em um país pobre e populoso como o Brasil, a utilização do recurso grupoterápico mostra-se como uma alternativa para atuação dos psicólogos em diversos contextos, podendo ser destacado, por exemplo, grupo de apoio às famílias, especificamente, para o presente estudo, famílias adotivas.

A adoção vem se mostrando cada vez mais presente e aceita nos contextos sociais, pois, frequentemente, são encontrados sujeitos que procuram essa alternativa como forma de constituição familiar (VARGAS, 1998). Para Santos (2004), a efetivação de uma adoção no Brasil é, sem dúvida, um evento gerador de ansiedade e expectativa, tanto para a família adotiva, como para o adotado. Corroborando com os autores Schettini, Almeida e Dias (2006), fazendo referência à dimensão afetiva, ressaltam que a maneira como os sentimentos são vivenciados e enfrentados pelos pais adotivos são relevantes para a construção de atitudes flexíveis e acolhedoras ou defensivas e evitáveis com relação à adoção.

Tendo esses expostos como referenciais teóricos, no ano de 2006, a partir de uma demanda diferenciada de pacientes que procuraram atendimento psicológico na clínica-escola da Universidade Sagrado Coração (USC), houve a possibilidade de início de um trabalho de apoio grupal destinados a esses pacientes. O referido grupo com queixas convergentes eram compostos por famílias que passaram pelo processo de adoção e apresentavam queixas tais como dificuldades em lidar com os filhos adotivos, o processo de adoção, como revelar ao filho que este é adotado, medo e insegurança com relação à família biológica, futuro da criança, dentre outros. Com relação às queixas apresentadas, Reppold e Hutz (2003) ressaltam que essas são semelhantes e recorrentes nos casos de famílias adotivas.

Para tanto, a formação do grupo de apoio neste contexto teve como objetivos proporcionar a possibilidade para que famílias, em situações semelhantes, pudessem trocar experiências, bem como receberem apoio no sentido de clarificar melhor o seu momento, lidando de forma mais elaborada com a problemática relacionada ao filho adotivo. Duas questões podem ser levantadas sobre a atenção psicológica a pais adotivos. A primeira é que, de acordo com Souza (2008), atualmente, a mídia está divulgando cada vez mais o tema da

adoção por meio de novelas e programas que visam conscientizar a população para a importância do tema. E a segunda é que, em contraponto com a primeira, refere-se às escassas publicações científicas nacionais, principalmente, na área da psicologia.

A partir dos expostos, os objetivos deste estudo centram-se na verificação da eficácia nos atendimentos do grupo de apoio a pais adotivos com periodicidade semanal de atendimento entre os anos de 2006 e 2008, como anteriormente apresentado, e a análise de temáticas de interesse a esse contexto.

MÉTODO – Participantes:

A amostra deste estudo fora composta por cinco mães adotivas, entre 23-53 anos, sendo duas divorciadas e três casadas, com os filhos adotivos entre 01 e 30 anos, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino. Das mães do estudo, três possuem filhos biológicos, além de adotivos, e duas somente filhos adotivos. Com relação à escolaridade das mães, três apresentavam ensino médio completo, uma o ensino fundamental incompleto e outra o ensino superior completo. O critério de inclusão das mães foi à participação em grupo de apoio a pais adotivos realizado em uma clínica-escola de uma universidade do interior do estado de São Paulo.

Instrumentos de pesquisa:

Entrevista Clínica Para Pais Adotivos (CARDOSO; AMARANTE; SANTOS, 2006).

A Entrevista Clínica para Pais Adotivos é composta por itens referentes à identificação do grupo familiar e o gerenciamento de questões relativas ao processo de adoção. O roteiro de entrevista é dividido em quatro grupos de perguntas: “Dados Pessoais”, “Processo de adoção”, “Situação Familiar” e “Especificação da Temática”.

Inventário de Eficácia do Trabalho Grupal Com Pais Adotivos (CARDOSO; AMARANTE; SANTOS, 2008).

O Inventário de Eficácia do Trabalho Grupal com Pais Adotivos é composto por 15 itens respondidos por meio de duas opções de respostas. Os itens do instrumento foram construídos com base em três categorias: “Crenças sobre a Intervenção em Grupo”, “Reflexos do Grupo para as Mães Adotivas” e “Crença das Mães sobre as Expectativas em Relação aos Filhos Adotivos”.

Procedimentos:

Primeiramente, houve a formalização da pesquisa junto à coordenação da clínica-escola, seguida da aprovação pelo Comitê de Ética. Posteriormente, foram aplicados os instrumentos com as mães participantes de forma coletiva, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Plano de análise de dados:

Os dados foram analisados à luz da estatística descritiva. Foram estudados os dados de identificação dos participantes e das respectivas famílias das mães atendidas no grupo de pais adotivos. Foram considerados como relevantes tanto informações relacionadas à amostra estudada, bem como vetores importantes no processo de adoção.

Resultados

Os dados coletados por meio da Entrevista Clínica Para Pais Adotivos permitiram a caracterização da situação dessas famílias, assim como aspectos relevantes desse contexto. A respeito dos “Motivos para adotar”, três mães tinham o desejo em adotar, uma por limitação biológica, e uma por ter feito promessa à mãe biológica da criança, pois essa sofria de doença com risco de morte. No que se refere à “Decisão da adoção”, três relataram que foi da família como um todo, em uma a decisão partiu do casal, e uma da própria mãe. Nas questões referentes às “Informações sobre a família biológica”, três tinham informações sobre a família biológica e duas não possuíam tais informações. Por fim, três mães relataram que não fizeram “Preparação para a chegada do filho adotivo” (arrumação de quarto, roupas, utensílio, dentre outros), e duas relataram que se prepararam para a chegada.

Quanto à distribuição de frequência para cada um dos itens do inventário de eficácia do trabalho grupal com pais adotivos, todas as questões foram respondidas. Entretanto, dentre os quinze itens construídos, apenas em três (“Você sempre se sentiu à vontade para dizer o que pensava nos atendimentos em grupo?”, “Tenho medo de perder meu filho para algum membro da família biológica” e “Tenho medo de tocar no assunto da adoção com meu filho adotivo, pois não sei qual será a sua reação”), as mães do estudo apresentaram divergências de respostas. Esses dados podem ser mais bem visualizados na Tabela 1.

<i>n.º</i>	<i>Item</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
1	O grupo contribuiu para seu crescimento tanto pessoal quanto emocional?	5	0
2	Suas expectativas iniciais em relação ao grupo foram realizadas?	5	0
3	Você acha que o grupo promove suporte emocional?	5	0
4	Você acha que falar aquilo que sente nos atendimentos em grupo a ajuda a ter emoções mais positiva?	5	0
5	Você sempre se sentiu a vontade para dizer o que pensava nos atendimentos em grupo?	3	2
6	Você julga a atmosfera do grupo como satisfatória?	5	0
7	Após o início dos atendimentos em grupo você notou mudanças nas relações interpessoais (convívio com as pessoas)?	5	0
8	Após o início dos atendimentos em grupo você percebeu melhoria na auto-estima?	5	0
9	Você acha que sempre esteve motivada para aprender novos conhecimentos nos atendimentos grupais?	5	0
10	Você acha que os integrantes do grupo (participantes e estagiários) estavam motivados para aprender novos conhecimentos durante os atendimentos?	5	0
11	Acho que meu filho(a) adotivo(a) dará mais trabalho para ser criado se comparado com um filho biológico	5	0
12	Sinto dificuldades para estabelecer limites ao meu filho adotivo	5	0
13	Tenho medo de perder meu filho para algum membro da família biológica.	2	3
14	Acho que meu filho biológico pode trocar minha família, preferindo assim morar com alguém da família biológica.	5	0
15	Tenho medo de tocar no assunto da adoção com meu filho adotivo, pois não sei qual será a sua reação.	1	4

Tabela 1 – Frequência de respostas do Inventário de Eficácia do Trabalho Grupal com Pais Adotivos

Discussão

Quanto às informações fornecidas pelas mães em relação a dados demográficos e ao processo de adoção, as seguintes questões foram colocadas em discussão. Na literatura, nota-se a prevalência em casos de primeira adoção a preferência por meninos, porém na amostra da

presente pesquisa, houve filhos adotivos tanto do sexo masculino quanto feminino (SCHETTINI; ALMEIDA; DIAS, 2006). Outra questão a ser considerada significativa, como pode ser visto em Porto e Carvalho (2000), é que há a prevalência de estatísticas de que a adoção muitas vezes está associada a casais que possuem limitações biológicas. Já na amostra estudada, a maioria das mães revelou que o motivo para a adoção foi o desejo de ter um filho e não necessariamente uma impossibilidade de gerá-lo.

Também se constitui um dado a ser considerado, que algumas mães revelaram que possuem informações sobre a família biológica do filho adotivo. Tal questão pode ser analisada a partir de dois referenciais. O primeiro, as informações sobre a família biológica e o temor que possa ocasionar nas famílias adotivas. O segundo, o questionamento sobre o quão importante são estas informações, e quais suas possíveis contribuições e interferências no processo de criação dos filhos adotivos (WEBER, 1998).

Finalmente os dados obtidos por meio da descrição da população atendida, somados ao processo de trabalho realizado, favoreceram a visibilidade e o alcance dos objetivos propostos neste estudo, ou seja, a avaliação a eficácia do grupo. No primeiro agrupamento de itens, as mães foram indagadas sobre o suporte de ordem emocional (itens 1 ao 7). O crescimento pessoal e emocional em um grupo vem sendo referido nas práticas psicológicas como a construção de crenças de acolhimento e sensibilização. Pela análise dos dados pode se evidenciar, que os objetivos propostos pelos atendimentos foram satisfeitos quanto ao suporte emocional (AACONA-LOPEZ, 1998).

Porém, apesar da atmosfera do grupo obter a pontuação máxima, não é concordante com a questão relacionada à abertura para falar no grupo. Também é digno de nota, que isso pode ser concebido como uma inferência sobre a dificuldade em se falar no grupo, devido a características peculiares dos participantes, e não considerada como uma falha de condução do grupo. E finalmente, a eficácia do grupo também pode ser observada a partir das mudanças que as mães referem-se ao padrão de atitudes que tem para com outras pessoas em seus relacionamentos, o que favorece o ajustamento social das mães, e, por conseguinte, do grupo familiar (BADINTER, 1985).

Na segunda categoria, referente às crenças que as mães construíram em relação aos efeitos do grupo para com ela (item 8 ao 10), estão intimamente relacionados ao autoconceito e a motivação para aprender. Primeiramente com relação à auto-estima, as mães afirmaram que houve fortalecimento dessa variável a partir do atendimento em grupo, e que isso pode

estar associado a itens da primeira categoria. Em segundo lugar, as mães referiram motivação para aprender, tanto da participante como de todo o grupo. Esse dado pode ser entendido como uma abertura ou uma disposição para entrar em contato com os seus conflitos, clarificá-los e, por conseguinte, a constituição de novos padrões de condutas e atitudes (REPPOLD; HUTZ, 2002; OSÓRIO, 2003; MORALES, 2004).

A última categoria (item 11 ao 15), as mães referiram a eficácia do grupo em relação a lidar com temáticas, ora ligadas à educação dos filhos, ora os temores da adoção. Quanto a educação dos filhos nota-se que as mães referiram, que após o grupo, puderam lidar melhor com o estabelecimento de limites. De acordo com Weber (2001), existe ainda nos processos de adoção a prevalência de um conjunto de atitudes de superproteção como forma de evitar que o filho recorde-se de todo sofrimento, interpretado a partir das crenças de abandono. Dessa forma, esses pais relatam dificuldades em dizer não, e estabelecer regras para filhos adotivos. Outro ponto diz respeito ao temor dos pais, são em relação às informações sobre a família biológica, de o filho preferir viver com a família biológica, e finalmente a reação do filho frente à descoberta da adoção. Nota-se, de acordo com os postulados de Freire (1991), que os pais adotivos devem ser fortalecidos emocionalmente para que cada um, a medida de sua família, construa estratégias de enfrentamento para lidar com os temores ou fantasias decorrentes a partir do processo de adoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se as questões abordadas nesta pesquisa, primeiramente no que diz respeito à pertinência do tema, pode-se observar que a adoção e o atendimento em grupo a famílias adotivas ainda se constitui uma questão que carece de estudos sistematizados. Para tanto se trata de construir um corpo de conhecimentos científicos de sustentação tanto para as famílias denominadas adotantes como aquelas que passaram pelo processo de adoção.

No que diz respeito aos alcances dos objetivos, nota-se que a proposição deste estudo fora atingida principalmente pelos dados evidenciados pelo instrumento de eficácia do trabalho grupal com famílias adotivas. Como limitação da pesquisa cabe destacar quanto a importância da realização de novos estudos acerca do construto eficácia nesse contexto grupal. Para tanto é necessário o aumento no número de itens do instrumento de eficácia grupal, assim como é esperado o aumento da quantidade amostral.

REFERÊNCIAS

- ANCONA-LOPEZ, M. **Psicodiagnóstico: processo de intervenção**. 2. ed. Sao Paulo: Cortez Editora, 1998.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. RJ: Nova Fronteira, 1985.
- CARDOSO, H. F.; AMARANTE, M. C.; SANTOS, T. M. M. **Entrevista Clínica Para Pais Adotivos**. Bauru: Manual técnico não publicado, 2006.
- CARDOSO, H. F.; AMARANTE, M. C.; SANTOS, T. M. M. **Inventário de Eficácia do Trabalho Grupal Com Pais Adotivos**. Bauru: Manual técnico não publicado, 2008.
- FREIRE, F. **Abandono e Adoção: contribuições para uma nova cultura da adoção**. Curitiba: Terres des Hommes, 1991.
- MORALES, A. T. Os predicados da parentalidade adotiva. Em: M. C. Silva (Org). **Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: SP, Casa do Psicólogo, 2004.
- OSÓRIO, L. C. **Psicologia grupal uma nova disciplina para o advento de uma era**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PORTO, M.; CARVALHO, S. **Primeiro Guia de Adoção de Crianças e Adolescentes do Brasil**. Fundação Orsa, 2000.
- REPPOLD, C. T.; HUTZ, C. S. Adoção: fatores de risco e proteção à adaptação psicológica. In C. S. HUTZ (Org.), **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 89-130.
- REPPOLD, C. T.; HUTZ, C. S. Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas. **Estudos de Psicologia**. V. 8, n. 1, p. 25-36. 2003.
- SANTOS, M. A. Percepções de pais acerca de uma experiência em grupo de apoio a adotantes: uma construção sistêmica. **Revista SPAGESP** v. 5 n.5 Ribeirão Preto dez. 2004
- SCHETTINI, S. S.; ALMEIDA, M. C. L.; DIAS, C. M. S. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em estudo**. V.11, n. 2. maio. 2006.
- SOUZA, H. P. **Adoção: exercício da fertilidade afetiva**. São Paulo. SP. Paulinas, 2008.

VARGAS, M. M. **Adoção Tardia**: da família sonhada à família possível. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 1998.

WEBER, L. N. D. **Laços de ternura**: pesquisas e histórias de adoção. Curitiba: Santa Mônica, 1998.

WEBER, L. N. D. **Pais e filhos por adoção no Brasil**: características, expectativas e sentimentos. Curitiba: Juruá, 2001.

ZIMERMAN, D. E. et al. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.